

**CARLOS
VAZCONCELOS**

Parque lândia



Coleção Pajéu



Parquelândia



Obra realizada com o apoio da Prefeitura Municipal de Fortaleza,
por meio da Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza – Secultfor.

Prefeito de Fortaleza
Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra

Vice-Prefeito de Fortaleza
Gaudêncio Gonçalves de Lucena

Secretário Municipal de Cultura de Fortaleza
Francisco Geraldo de Magela Lima Filho

Secretária-Executiva
Paola Braga de Medeiros

Assessora de Políticas Culturais
Nilde Ferreira

Assessor de Planejamento
Inácio Carvalho de A. Coelho

Assessora de Comunicação
Paula Neves

Assessor Jurídico
Vitor Melo Studart

Coordenadora de Ação Cultural
Germana Coelho Vitoriano

Coordenador de
Criação e Fomento
Lenildo Monteiro Gomes

Coordenador de Patrimônio
Histórico e Cultural
Jobert José de Souza Pinto

Coordenador
Administrativo-Financeiro
Rosanne Bezerra

Diretora da Vila das Artes
Claudia Pires da Costa

Diretora da Biblioteca Pública
Dolor Barreira
Herbênia Gurgel

Secretário da Regional III
Maria de Fátima Vasconcelos Canuto



Carlos Vazconcelos

Parquelândia

“Bairro com Personalidade”



Copyright © 2015, Carlos Vazconcelos

Concepção e Coordenação Editorial
Gylmar Chaves

Projeto Gráfico e Diagramação
Khalil Gibran

Revisão
Milena Bandeira

Fotos da Capa e Contracapa
Sheila Oliveira

Consultoria Técnica
Adson Pinheiro/ Graça Martins

Catálogo na Publicação

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 /801

V 331

Vazconcelos, Carlos

Parquelândia: bairro com personalidade/Carlos Vazconcelos.- Fortaleza:

Secultfor, 2015.

80p.

(Coleção Pajeú)

ISBN: 978-85-420-0584-4

1. Memórias

2. Crônicas

3. Título

CDD: 869.

Sumário

Vamos flamar?	11
Primórdios	12
Delimitações	16
Contextualizando Fortaleza	20
Memória x Modernidades	26
Colégio Júlia Jorge – novelo de saudades	28
Topo Gigio, escola-família	32
Bar Besouro Verde – tradição em pessoas	37
Hospital São José (HSJ) – referência nacional	39
Genuinamente Parquelândia	41
Secretaria Executiva Regional III	43
Tipos Populares	43
Para permanecermos humanos	45

Histórias de quem também fez o bairro

(Depoimentos) 49

Deu no jornal (O Povo) 79

Referências Bibliográficas 82

*“Você sabe melhor do que ninguém,
sábio Kublai, que jamais se deve
confundir uma cidade com
o discurso que a descreve.
Contudo, existe uma
ligação entre eles.”*

Italo Calvino, “As cidades invisíveis”.

*Agradeço a solicitude dos seguintes amigos:
Caio Porfírio Carneiro, Cid Carvalho,
Edizan Brilhante, Eliomar de Lima,
Henrique Dídimo, José Maia
(e sua esposa Eliane), Nirez, Silas Falcão.
Agradeço ainda a Margarida Maria Alacoque,
Sandra Maria Dias Pinheiro,
Francisca Ninfa Dias dos Santos;
e ao caríssimo Gylmar Chaves,
pela confiança e amizade.*



Vamos flanar?



Sexta-feira, 9 de maio de 2014. O céu de Fortaleza se mostra límpido, alvissareiro e o dia se apresenta mais bonito depois de uma noite de chuva, como fica mais bonito o amor depois de uma saudade. O rádio e a televisão me advertem de que na Ucrânia e na Rússia o tempo continua fechado, os ânimos acirrados e os dois países mantêm improficua refrega pelo território da Crimeia, ao mesmo tempo em que comemoram o aniversário da grande vitória sobre a Alemanha nazista. Milhares de manifestantes invadem as ruas da Tailândia, em protesto contra o governo. Aqui nos trópicos não tem sido diferente: moradores do Jardim União, na zona sul de São Paulo, promovem protestos, e até o veículo que conduzia o rei Pelé foi interceptado nessas vésperas de copa do mundo; em Fortaleza, uma simples manifestação estudantil, que reivindicava carteiras de estudantes, transforma-se em cenário de guerra no terminal rodoviário de Parangaba. Por todo o Brasil, manifestantes depredam hipocrisias e nutrem esperanças. Na Barra do Ceará, o Ferroviário Atlético Clube comemora 81 anos de atividades futebolísticas. Mudo de estação, procuro uma que toque música agradável. O mundo continua irrequieto. Mas hoje pela manhã, meus olhos me pedem férias, minha mente pede licença para se ocupar apenas de uma fração do planeta, de um cantinho da cidade, elegante

bairro da minha Fortaleza, a Parquelândia. É para lá que eu vou agora. E gostaria muito que o estimado leitor me acompanhasse nesse telúrico *tour*. Olhar a própria cidade com olhos de turista, ou seja, com os olhos da novidade, da surpresa, eis o segredo do *flaneur*.

Primórdios

Lá pelo final dos anos 1940, ao lado de um arborizado parque, pródigo em coqueirais, começam a ser vendidos vastos terrenos para futuros loteamentos. Quem iria querer morar naqueles longes? Na época, as terras pertenciam, em grande proporção, à família Bezerra de Menezes. Na década de 1930, surgiram as primeiras ocupações, tendo o Campo do Pio (local onde hoje está situado o supermercado Frangolândia) como referência. O campo pertencia ao senhor Pio. Era também conhecido como “Campo do Alagadiço”. Há quem diga que aí surgiu Artur Ribeiro do Carmo (falecido em 2007), o famoso Artuzão, considerado por muitos o maior zagueiro do futebol cearense.¹

¹ Principalmente quando atuava ao lado de Pedro Basílio e Celso Gavião. A boca do povo comenta que esses três nasceram em época imprópria, pois hoje estariam em um grande clube da Europa, ganhando tufos de dinheiro. E dizem ainda que o Artur (*made in Ceará*) tinha a vantagem de jogar em praticamente todas as posições, exceto no gol. Defendeu as cores do Ceará e do Fortaleza.

Pois ali, no Campo do Pio, aconteciam jogos memoráveis, bem como em outros campos espalhados pela cidade, entre eles o campo do Prado (onde hoje está situado o IFCE – antes Escola Técnica Federal) e o Estádio do Campo da Praça das Pelotas (atual Praça Clóvis Beviláqua). Quando inauguraram o estádio municipal (atual estádio presidente Vargas), na administração de Raimundo de Alencar Araripe, as partidas migraram para esse novo campo. O estádio Presidente Vargas representou a modernização do futebol cearense.² Outro campo famoso foi o estádio Américo Picanço (mais conhecido como “Campo do América”). Mas aí já é outra história... Voltemos para a Parquelândia.

Como dizíamos, os lotes foram sendo adquiridos; as residências (muito simples, no início) foram surgindo e logo todos chamavam o lugar de Coqueirinho, denominação que permaneceu até 1952. Nome simples, improvisado, bem ao gosto do povo.

De acordo com o pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, havia, naquela região, a predominância de coqueiros, além de eucaliptos e outras espécies de árvores, e em pouco tempo o bairro recebeu a denomina-

² O estádio, construído pela prefeitura municipal, deu aos torcedores cearenses acomodações muito confortáveis para a época: arquibancadas de madeira, iluminação noturna, cerca separando torcida e campo e, pela primeira vez no Estado, um campo com gramado. A inauguração do PV ocorreu no dia 14 de setembro de 1941. O primeiro jogo ocorreu uma semana depois, em 21 de setembro, com a partida Ferroviário 1 x 0 Tramways - PE.

ção de Coqueirinho, tornando-se depois Amadeu Furtado. Cresceu como resultado da abertura da avenida Bezerra de Menezes:³ “Em 16 de abril de 1952, circula o diário oficial do Município, nº 5399, com a Lei nº 439, de 3/4/1952, que traz a proposição do vereador Francisco Edward Pires, que denomina de Amadeu Furtado o bairro do Coqueirinho” (AZEVEDO, 2005).

Em breve, ainda por influência do parque, idealizar-se-ia a denominação Parquelândia. Se analisado a fundo, um pouco estranho, uma vez que o sufixo *-lândia* (do inglês “*land*”), significa “terra”. Trocando em miúdos, “terra do parque”. Havia também uma denominação comum ao lugar, ainda hoje lembrada por muitos moradores: Alagadiço. Algumas pessoas não se identificavam com a denominação, que remete a pântano, a umidade; outras, chegam a considerá-la poética. Quanto ao novo nome, Parquelândia, muitos acreditam que foi criação dos responsáveis pelo loteamento, termo cunhado pelo viés comercial, numa proposta que apontasse para o novo, o moderno. Mas a verdade é que a nova denominação grudou feito nódoa de caju, e o local passou a ser cobiçado pela classe média alta e começaram a aparecer casarões, bangalôs e palacetes. No entanto, a mais importante construção daquelas recentes plagas foi uma singela capelinha. O antigo

3 Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/verdadeiros-territorios-da-paz-conheca-bairro-sem-homicidios-na-regional-iii-1.850626>. Acesso em 2/6/2014.

Coqueirinho, atual Parquelândia, era uma capela. Como continuidade ao desenvolvimento do que em pouco tempo seria uma paróquia, lançou-se a pedra fundamental da Escola Santo Afonso, numa parceria dos padres redentoristas – que pertenciam à cura de Porangabussu – e a Prefeitura Municipal de Fortaleza, à época administrada pelo Prefeito Murilo Borges⁴. Após a construção da escola iniciou-se o erguimento do templo católico para a oração dos fiéis. Parte da construção desabou, mas a ideia permaneceu de pé. Tudo recomeçou, com novo projeto, e a igreja nasceria redonda, sua fachada circular como um abraço, como a letra C, de Céu, fugindo ao comum das outras igrejas da cidade. Daí em diante, o templo, cujo verdadeiro nome é Igreja de Santo Afonso de Ligório⁵, seria popular e, natu-

4 General do Exército, Murilo governou Fortaleza de 1963 a 1967, tendo sido o derradeiro prefeito eleito antes da Ditadura Militar de 1964. Seu governo foi marcado pela reforma da Praça do Ferreira, aquela que subtraiu a coluna da hora (que só seria devolvida na administração de Juraci Magalhães, em 1991), que demoliu o abrigo dos táxis e ônibus, na mesma praça. Em Fortaleza, sua memória está registrada em uma avenida, em um estádio de futebol e em uma escola.

5 Afonso Maria de Ligório nasceu em Nápoles, no dia 27 de setembro de 1696. Doutora-se, em 1712, em direito civil e canônico, sendo um dos advogados mais célebres e requisitados de Nápoles. Não lhe faltaram também temperamento e dons artísticos: poeta, músico, arquiteto e pintor... Uma causa inesperadamente perdida nos tribunais, a corrupção aí existente muda radicalmente sua vida. Ingressa no grupo diocesano da “Propaganda” e inicia seu contato com o abandono dos pobres nas áreas urbanas e arredores de Nápoles. Como membro das “Missões Apostólicas”, inicia suas pregações missionárias em vastas e difíceis regiões do sul da Itália. Ordenado sacerdote em 1726, desenvolve seus ministérios entre os “lazzaroni”, da cidade de Nápoles, massa excluída e marginalizada pela sociedade e pela Igreja. Em 1732, após contato com cabreiros e pastores abandonados nas montanhas de Scala, reúne um grupo para evangelizar os mais abandonados. Nasce assim a Congregação do Santíssimo Redentor.

ralmente, chamado Igreja Redonda. Ao redor da igreja foi construída bonita praça, e aquele local seria enfim consagrado pela população como o “coração da Parquelândia”.

A Igreja Redonda é o marco arquitetônico do bairro Parquelândia. O pesquisador Nirez afirma que a praça que contorna o templo foi batizada primeiramente Praça dos Tamborins, “homenagem a uma família cujos membros eram militares e lutaram na Guerra do Paraguai” (AZEVEDO, 2005). A famosa Praça da Igreja Redonda localiza-se entre as ruas Érico Mota, Lino da Encarnação, Gal. Bernardo Figueiredo e avenida Jovita Feitosa. Nota-se, claramente, que a Parquelândia ainda se preserva um bairro horizontal e residencial. Mas percebe-se também tímida e sorrateira especulação imobiliária. Assim como Aldeota e Fátima, em breve pode despejar suas casas, essas “inúteis velhinhas” tão desprezadas nos nossos dias, e despontar rumo ao céu, com asas de metal e concreto.

Delimitações

De acordo com as demarcações do IBGE, o bairro Parquelândia assim se reparte em suas fronteiras:

- Ao norte, com a avenida Bezerra de Menezes;

- Ao leste, com as ruas Escritor Pedro Ferreira de Assis e Professor Anacleto;

- Ao sul, com a rua Azevedo Bolão e a avenida Jovita Feitosa;

- Ao oeste, com a rua Governador Parsifal Barroso.

Verifica-se, portanto, que, pelos limites oficiais, o “coração” da Parquelândia estaria situado fora do corpo, pois, como já vimos, o bairro se limita ao sul com a avenida Jovita Feitosa, e a igreja está situada além. Todo o conjunto (praça, igreja, escola) estaria situado no bairro dito Amadeu Furtado⁶. Alguém poderia até dizer, com o gosto pelo trocadilho que tanto alimenta a alma cearense, que o Amadeu teria “furtado” o coração do bairro. Mas, com todo respeito ao ilustre médico, que nasceu no Ipu e se fez grande e benquisto em Fortaleza, ninguém vai aceitar

6 Amadeu Furtado nasceu em 21/7/1888, em Ipu - CE, e faleceu em 6/2/1952, em Fortaleza - CE. Médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1913. Regressou ao Ceará em 1914, abriu consultório, dedicando-se totalmente à sua clínica, dando provas de altas benemerências, atendendo à pobreza, juntamente com sua imensa clientela, muitas vezes adentrando a noite, no seu consultório e na antiquíssima Farmácia Teodorico, uma das primeiras de Fortaleza. Fez de sua profissão um verdadeiro sacerdócio. Fundou a Associação dos Merceeiros; foi professor de Química Bromatológica da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará; Médico Legista da Polícia, Diretor do Instituto Médico Legal e Presidente do Clube dos Diários. Assumiu a Presidência da Constituinte de 19 de março a 11 de abril, com o afastamento do Dr. Joaquim Bastos Gonçalves para assumir o Governo do Estado. Além de médico, abraçou a carreira política. Cultivou também a literatura, tendo escrito contos e artigos nos jornais de Fortaleza e do Rio de Janeiro. Publicou vários trabalhos científicos.

uma coisa dessas, e aí de quem surrupiar da Parquelândia a Igreja Redonda, sua simpática praça e a histórica Escola Santo Afonso. A Parquelândia não é apenas um bairro, é um espaço de afetividade na memória dos velhos habitantes, na consciência e no coração dos atuais moradores. Mas, para a população, os limites são invisíveis. Quem ousaria, por exemplo, dizer que a bonita e célebre casa do senhor Eurides, pai do sanfoneiro Waldonys, não está situada... digo melhor: não é parte intrínseca do conjunto arquitetônico da Parquelândia? Quem poderá afirmar que o elegante bangalô não faz parte da arquitetura sentimental daquele nobre espaço?

A primeira vez que fiz uma visita de reconhecimento de área na Parquelândia, e saí procurando referências, localizando marcos fundantes e espaços de afeto do bairro, parei o carro em frente a uma casa comercial simples, misto de bar com mercadinho, onde conversavam alguns senhores. Perguntei como deveria proceder para chegar à rua Governador Parsifal Barroso. Um deles foi muito solícito, levantou-se e veio até o carro, situando-me no espaço com informações precisas. Estranhei as lonjuras da rua, oficialmente um dos limites do bairro, e quis me assegurar: “Mas é Parquelândia, não é?”. O outro gritou de lá, com espírito de descontraída indignação: “Ah, bom! Para aumentar o IPTU, tudo é Parquelândia!”.

Como diz o Tarcísio Matos⁷, em crônica para o jornal *O Povo*⁸: “O bairro que adotei [Parquelândia] desde os anos 50, como poucos da capital (Aldeota e Fátima), tem a capacidade de se imiscuir no território contíguo, tomando-lhe a designação primitiva”.

A Parquelândia foi alcunhada (talvez pela cartilha da famigerada e controversa instituição denominada “molecagem cearense”) de “bairro geométrico”, pois a igreja é redonda, o motel é triangular (Motel Triângulo – fica na embocadura da avenida Humberto Monte com a rua Dr. Abdenago Rocha Lima) e o povo é quadrado. Mas essa última sentença não pode ser verdadeira, pois lá morou o escritor cuja fresca Airton Monte, ainda moram os jornalistas Cid Carvalho e Eliomar de Lima, sem esquecer o bregastar-humorista-compositor Falcão, o músico Tarcísio Sardinha, o maestro Gladson Carvalho, os poetas Horácio Dídimo e seu sobrinho Henrique Dídimo, o escritor José Maia; ali residiu e trabalhou o mestre Zé Pinto, o cantor e compositor Belchior. Henrique Dídimo me revelou que dois sinais identificavam se o famoso cantor estava em Fortaleza, na casa dos pais, na rua Padre Guerra: quando apareciam na casa gente famosa, como Elis Regina, por exemplo, ou quando ele cantava no chuveiro. O pai do poeta Henrique,

⁷ Tarcísio Matos é compositor, um dos principais parceiros do cantor brega Falcão. Escreve a coluna semanal “Aos Vivos”, para o jornal *O Povo*.

⁸ Edição de 13/4/2013.

o escritor José Maia, complementou a informação: “E quando sentíamos o cheiro da fumaça do seu puro charuto cubano”. Assim era a Parquelândia, bairro elegante da nossa amada Fortaleza. Localiza-se entre os bairros Parque Araxá (norte), Amadeu Furtado (leste), Pici (sul), São Gerardo e Presidente Kennedy (oeste).

Contextualizando Fortaleza

No final dos anos 1940, Fortaleza contava com cerca de 280 mil habitantes. Nessa época, o mundo estava marcado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial (1939-1945); as pessoas nutriam ânsias de paz, liberdade e progresso. A capital cearense já cultivava certo ar aristocrático, com seus bangalôs e palacetes, e conservava ainda vestígios dos modos afrancesados, da chamada *Belle-Époque*⁹, num combinado de valores europeus com norte-americanos, fossem no traje das damas, nas idas em fins de semana aos clubes (Iracema, Diários, Ideal), nos pianos

⁹ “Termo francês cunhado para traduzir a euforia europeia com as novidades decorrentes da revolução científico-tecnológica (1850-1870 em diante). Com efeito, esse período, momento fundante do nosso mundo contemporâneo, é marcado por um intenso fluxo de mudanças que não só produziu transformações de ordem urbana, política e econômica, como também afetou profundamente o cotidiano e a subjetividade das pessoas, alterando seus comportamentos e condutas, seus modos de perceber e de sentir.” (PONTE, 2000, p. 162)

majestosos nas salas das residências. O pesquisador Marciano Lopes apresenta uma ideia de como se configurava uma das principais artérias do Centro da capital cearense, em meados dos anos 1940, a avenida do Imperador. Percebe-se, na poeticidade do memorialista, a transmutação do desejo dos fortalezenses de estar ajustados com o “mundo civilizado” e seus monumentos do poder capitalista.

A avenida do Imperador era uma espécie de porta de entrada para o aristocrático bairro de Jacarecanga. Com suas largas calçadas, sua pavimentação de pedras toscas, seus frondosos e elegantes oitizeiros, é minha Via Veneto, minha Avenue Foch, minha Fifth Avenue (LOPES, 2012, p. 26).

Marciano Lopes registra como se fazia a combinação de motivos arquitetônicos:

Suas casas são diferentes, portentosas, nobres, um relicário arquitetônico das senhoriais vivendas construídas nas primeiras décadas deste século. As fachadas são bem características da nossa assimilação do estilo *art nouveau* com as imprescin-

díveis sacadas de ferro em notáveis trabalhos que são verdadeiras ‘rendas’ e arabescos fundidos. As portas têm rótulas e postigos com vidraças coloridas importadas da França, da Bélgica e da Holanda. As portas de entrada dão acesso aos pequenos vestíbulos ou salas de espera. As artísticas plati-bandas ostentam balaústres, ‘pinhas’, ‘abacaxis’, jarrões (LOPES, 2012, p. 27).

Percebe-se a altivez do memorialista ao apresentar, animado pelo brio da memória, o auspicioso desejo de modernidade da cidade de Fortaleza de então.

Mas existem, também, soberbos bangalôs na minha bela avenida. São construções mais recentes, espelhadas nas residências das estrelas de Hollywood. São assim as mansões do médico Newton Gonçalves, do milionário Checo Diogo, do interventor Menezes Pimentel. Até uma típica mansão inglesa tem na avenida do imperador. É a residência da família Thomaz Pompeu, em frente à praça da Lagoinha (LOPES, 2012, p. 27).

Na década de 1950, as transformações se expandiam. Os centros urbanos mais desenvolvidos experimen-

tariam a hegemonia do plástico e a popularização dos eletrodomésticos, a ascensão do *rock'n'roll* e a clara evidência de que os EUA desejavam conquistar o mundo pela influência da indústria e principalmente da cultura. Fortaleza acabava de adentrar no famigerado período conhecido como Anos Dourados.

Na década seguinte, os alucinados anos 1960, Fortaleza atinge a marca de meio milhão de habitantes. A cidade, já consolidada e reconhecida como o maior centro urbano do Estado, abrigava as pessoas que deixavam o campo em busca de maior conforto, que fugiam das secas, que procuravam oportunidades de emprego no comércio ou na indústria. As classes média e alta começam a se afastar do Centro, que vai se tornando área comercial, e ocupam bairros emergentes, como Aldeota, Fátima e Parquelândia. Outros bairros mais elitizados, como Jacarecanga e Benfica, popularizam-se. Nesse processo de crescimento, as orlas das praias de Iracema e do Meireles também começam a ser urbanizadas.

Ainda por essa época, na Parquelândia, os terrenos não eram tão valorizados e os especuladores resolveram investir, iniciando um processo de aquisição de área para o erguimento de casas modernas, com propostas inovadoras e práticas, como, por exemplo, a cozinha no centro da casa, próxima à sala das refeições, e não nos fundos, como era costume.

Nos anos 1970, Fortaleza começa a ganhar ares de metrópole. Aumenta a malha urbana e se inicia a verticalização. A cidade assume sua primazia absoluta no território cearense, com a expansão acelerada e a espantosa concentração demográfica.

De acordo com o professor José Borzacchiello da Silva, “a busca de novos espaços pela burguesia que residia nas imediações da área central implicou em alterações marcantes na cidade e na supervalorização de alguns bairros, como Aldeota, Meireles, Praia de Iracema, Papicu, Bairro de Fátima e outros”.¹⁰

Nos anos 1980, os brasileiros começavam a se desvencilhar da herança da ditadura. As marcas ficariam para sempre, mas novas formas de pensar faziam renascer a esperança e impulsionavam os jovens a tomar atitudes. O *rock'n'roll* renascia agora com tempero tropical e bandas despontavam nos quatro cantos. Os artistas queriam mostrar que não eram alienados e tinham muito o que dizer. Insultavam os costumes e se pronunciavam politicamente, com letras provocantes de bandas mais engajadas com a conjuntura nacional e mundial, como Legião Urbana, Titãs e Engenheiros do Havai:

*Eu presto atenção no que eles dizem
Mas eles não dizem nada.*

10 Disponível em: <http://fortalezaantiga.blogspot.com.br>. Acesso em: 6/6/2014.

*Fidel e Pinochet tiram um sarro
de você que não faz nada.
E eu começo a achar normal que algum boçal
Atire bombas na embaixada.¹¹*

Década da anistia política, recém-implantada¹², das “Diretas Já”, dos “Caras-pintadas”, do *impeachment* do primeiro presidente eleito pelo voto direto: Fernando Collor de Melo. Década da morte misteriosa de Tancredo Neves, para muitos o mentor da democracia. Essa movimentadíssima década não passou em branco na cidade de Fortaleza. Nem no bairro da Parquelândia, conhecido pelo charme intelectual, talvez pelas ilustres personalidades vinculadas à cultura que ali nasceram, estudaram ou moraram, talvez pelo fato de ser um bairro rodeado por polos universitários, já que se localiza entre o Pici e o Benfica. Na Parquelândia residiam muitos professores, exatamente pela facilidade de acesso ao campus e à Reitoria da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Essa juventude, ávida por mudanças, marcava encontros nas charmosas feirinhas. Havia a Feirinha da Treze

11 *Toda forma de poder* (composição de Humberto Gessinger). Banda Engenheiros do Hawaii. LP *Longe Demais das Capitais*, RCA, 1986.

12 Lei da Anistia: denominação popular da Lei nº 6.683, promulgada pelo presidente Figueiredo, em de 28 de agosto de 1979, após uma ampla mobilização social, ainda durante a ditadura militar.

de Maio, a da Gentilândia, e muitas outras. A da Parquelândia, às sextas-feiras, era das mais atraentes, ponto de paquera e intercâmbio cultural. Aos domingos, acontecia, na Igreja Redonda, a “missa dos jovens”, e depois, as turmas tinham novos motivos para se encontrar. Outro evento religioso importante era a festa do padroeiro, Santo Afonso Maria de Ligório, que dá nome à igreja, popularmente consagrada pela sua forma em meia lua.

Memória x Modernidades

Em Fortaleza, são muitos os fenômenos de troca dos nomes de bairros, numa verdadeira queda de braço entre memória e modernidades, entre o oficial e o popular. Denominações como Outeiro (Aldeota), Alagadiço (São Gerardo), Pirocaia (Montese), Brasil Oiticica (Carlito Pamplona), Barro Vermelho (Antonio Bezerra), Lagamar (Tancredo Neves), Praia do Peixe (Praia de Iracema), Estância (Dionísio Torres), Mata Galinha (Castelão), Porangabussu (Rodolfo Teófilo), Alto da Balança (Aerolândia), ficaram para trás e só aparecem em velhos compêndios ou na conversa dos mais velhos que conhecem a história da cidade. Muitas vezes o nome antigo prevalece na boca do povo, como é o caso de Otávio Bonfim (atual Farias Brito). No

entanto, fenômeno contrário, aparecem nomes fantasiosos para bairros e ruas, como é o caso de “Piedade”, para o bairro Joaquim Távora, por força do aparecimento da igreja com esse nome. Sabemos que essas mudanças são motivadas pelo poder político, pela conjuntura histórica, mas não devemos esquecer que a memória está intimamente relacionada às nomenclaturas. Portanto, é necessário que as decisões sejam democraticamente discutidas, que a população seja consultada, que sejam criados mecanismos como o abaixo-assinado, por exemplo. Temos um claro exemplo de que é possível essa interface democrática com a comunidade. Em 2001, cogitou-se a mudança do nome Pantanal para Planalto Ayrton Senna. A permuta foi votada e aprovada pela população. Nesse caso, alguns fatores prevaleceram: a amplitude e generalidade, e a rusticidade, talvez, do nome “pantanal”; ou o estigma da pobreza e da violência que o bairro atingira perante a população.

Colégio Júlia Jorge¹³ – novelo de saudades

O bairro da Parquelândia é vocacionado para a educação. Situado entre universidades, preservou, ao longo de sua história, pelo menos três destacadas instituições de ensino, o Júlia Jorge (fechado em 2007), o Topo Gigio e a Escola Joaquim Nogueira.

O Centro Educacional Júlia Jorge marcou época em Fortaleza como uma das mais respeitadas instituições de ensino. O tradicional estabelecimento pertencente ao Centro Educacional Cencista (Cnec) era a melhor opção de ensino (ginásio e científico) para os jovens da Parquelândia e dos bairros adjacentes, além de ótima alternativa para os pais, por praticar preços módicos, viáveis para a classe média. A instituição foi inaugurada em 24 de junho de 1968, em plena ditadura militar, e contou com a presença do então Presidente Humberto Castelo Branco e do Governador Virgílio Távora. Situava-se no cruzamento das ruas General Piragibe e Azevedo Bolão.

O colégio encerrou atividades em 2007, e o jornal O Povo¹⁴ noticiou: “Júlia Jorge dá lugar a residencial”.

13 Júlia Jorge Ferreira Lopes, esposa do Maestro Henrique Jorge. Dessa união nasceram João Jacques Ferreira Lopes e Paulo Sarasate.

14 Edição de 25/2/2012.

Pela escola passaram muitos estudantes, alguns se tornaram ilustres, como o cantor bregastar Falcão, o músico Waldonys e o maestro Gladson Carvalho. Gladson estudou no Júlia Jorge de 1977 a 1980. Voltou, em 1997, como professor e maestro da banda da escola, e, no ano seguinte, criou a Orquestra Filarmônica do Ceará. “A gente, que morava por ali na Parquelândia, São Gerardo, Monte Castelo e não tinha dinheiro para estudar nas grandes escolas da época, ia para o Júlia Jorge”, conta o ex-aluno e ex-professor da instituição, maestro Gladson Carvalho.¹⁵ E afirma:

O colégio Júlia Jorge era uma das escolas do Centro Educacional Cenecista Corrêa Araújo (Cnec), instituição que tinha unidades no Ceará, Maranhão e Piauí. Segundo assessor¹⁶ da coordenação regional do Cnec-CE, a desativação do Júlia Jorge se deveu a ‘altíssimas taxas de inadimplência. O déficit em três anos somou quase R\$ 1 milhão. Depois, houve a tentativa de instituir no local a Faculdade Cenecista do Ceará. Mas não deu certo’. Recentemente, o terreno foi vendido para a Harmony Empreendimentos Imobiliários. Um condomínio residencial de quatro torres deve ser erguido no local que um dia abrigou os sonhos juvenis de muita gente.

15 Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/economia/2012/02/25/noticias/jornaleconomia,2790361/julia-jorge-da-lugar-a-residencial>. Acesso em: 15/6/2014.

16 Idem. Obs.: O articulista do jornal não registra o nome do assessor.

Para o médico e ex-aluno do colégio, Marcelo Gurgel,

embora não fosse uma edificação cinquentenária, e muito menos tombada, por valor histórico ou cultural, a demolição da nossa escola, em que preciosos anos da juventude de milhares de ex-alunos foram nela vividos, causa intensa consternação, marcando um sentimento de ruptura com as lembranças de tempos juvenis, transformadas em escombros, sepultando as boas recordações vivenciadas naquela casa de aprendizado.¹⁷

Entre 1967 e 1970 havia tertúlias, geralmente animadas pelo conjunto musical Os Belgas, formado quase que integralmente por alunos do próprio colégio.

O curioso é que apareceu no pré-carnaval de Fortaleza o bloco “Sobreviventes do Júlia Jorge”, formado por ex-alunos e ex-professores, maneira descontraída de diluir uma saudade que ficou instalada no peito dos cenecistas.¹⁸

Cairia bem, como trilha sonora dessa perda, a música do grupo Biquíni Cavado:

17 Disponível em: <http://blogdomarcelogurgel.blogspot.com.br/2012/02/demolicao-do-colegio-julia-jorge.html>. Acesso em: 16/7/2014. Publicado também no jornal O Povo, de 28/02/2012. Caderno Opinião, p. 7.

18 CNEC: Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Cenecistas são as escolas e também faculdades sem fins lucrativos.

*Tudo que morre fica vivo na lembrança
Como é difícil viver carregando um cemitério na cabeça
Mas antes que eu me esqueça, antes que tudo se acabe
Eu preciso, eu preciso dizer a verdade.*

*É impossível, é impossível esquecer você
É impossível esquecer o que vivi
É impossível esquecer o que senti.¹⁹*

Mas preferimos registrar, em homenagem, um trecho esperançoso do hino cenicista, pois quem foi, sempre será:

*Tu que tens mais riso e menos pranto.
Tu que tens mais paz e menos luta.
Fica em silêncio um minuto só;
Para e escuta: Uma escola aberta em qualquer parte,
Com as sobras do teu riso, de teus cantos,
Há-de transformar teu gesto em luz
Para tantos! Para tantos!²⁰*

19 Biquíni Cavado. São Paulo: Polydor, 1999.

20 Letra: Dulce de Oliveira Vermelho; Música: Juca Chagas.

Topo Gigio, escola-família

Situada na rua Prof. Lino da Encarnação, a Escola Topo Gigio, pioneira em educação infantil no bairro da Parquelândia, foi fundada em 1970 pela ex-freira e educadora Margarida Maria Alacoque, carinhosamente conhecida como “Tia Coque”. “A Escola Topo Gigio foi a grande aventura de minha vida”, com essa frase ela resume tudo. A idealizadora e fundadora da escola é, na verdade, uma destacada personalidade na cidade de Fortaleza. Para quem conviveu com ela, registra-se o exemplo de mulher de espírito empreendedor e de visão humanista. Além de educadora, é poetisa e escritora. Nasceu em Pernambuco, mas foi em Fortaleza que morou mais tempo e desenvolveu seu projeto de vida; assim, se diz “pernamburense”, mistura de pernambucana com cearense.

Conforme ela nos contou, a Parquelândia foi escolhida por ser bairro novo, habitado por muitos casais, alguns recém-casados e com crianças pequenas. Havia, na época, muitos funcionários do Banco do Brasil e servidores da universidade.

Um belo dia, Margarida resolveu fazer uma visita de reconhecimento ao bairro, do qual ouvia falarem muito bem, como bairro novo e promissor, talvez com o público

que ela cortejava. Desceu na rua Pe. Guerra com D. Lino da Encarnação. Encontrou uma casa fechada, com placa de aluguel, e simpatizou logo com aquele endereço. Saiu à procura de saber quem era o proprietário do imóvel. Descobriu que era o Dr. Paulo Botelho, cearense, agrônomo, residente em Recife. O aluguel não podia ser muito caro, pois o capital de que disponha era pequeno. Reuniu uns quatro amigos e combinou a seguinte ideia: cada um solicitava a chave da casa por uma semana, demonstrando interesse no aluguel. Na verdade, essa era uma estratégia para que, enquanto o dinheiro não aparecia, o imóvel não fosse alugado por outra pessoa e caísse por terra a grande oportunidade. Recém-saída do convento, Margarida queria continuar atuando na área educacional. O projeto da escola foi desenvolvido em colaboração com Miriam Lima Verde (prima) e Maria do Socorro Alencar (irmã de sangue).

Depois de resolvida essa etapa, fez-se uma pesquisa de opinião com as famílias, para saber se os pais se interessavam na criação de uma escola para crianças no bairro da Parquelândia. A primeira casa visitada foi a da dona Josélia, fundadora do grupo Frangolândia. “As duas primeiras filhas de dona Josélia estudaram na Topo Gigio”, esclarece dona Margarida. Depois, Margarida, Miriam e Socorro pensaram e reuniram uma lista de dez possíveis nomes para a futura escola. Realizaram uma pesquisa junto às famílias, distribuindo nos endereços a lista com os nomes para que os

pais votassem o que considerassem mais bonito e interessante. Era uma forma de democratizar e ao mesmo tempo de premiar. Quem acertasse, ganharia para o filho ou filha um ano de escola grátis. No primeiro ano letivo a escola já contou com 70 alunos, número significativo para a época, já sinalizando o começo de um grande êxito. De início, as coisas não foram fáceis. Por não haver condição de se pagar outro aluguel, a escola fora também a residência de Margarida, Miriam e Socorro. A Topo Gigio foi fundada em 30 de outubro de 1970 (data de aniversário da Margarida Alacoque). Escolhido o nome Topo Gigio²¹, ajeitada a papelada, as matrículas começariam em dezembro. O muro foi enfeitado com diversos desenhos do querido ratinho que era sucesso na TV: Topo Gigio jogando bola, Topo Gigio soltando arraia, Topo Gigio pulando corda. Os móveis foram projetados e montados de forma adequada para o tamanho das crianças. “As crianças eram tratadas como na casa da avó”, Margarida faz questão de dizer. E a escola foi ganhando a confiança dos pais. Depois, a lei mudou; era necessário convênio com um colégio que tivesse as classes mais adiantadas. Margarida firmou convênio

21 Topo Gigio é uma personagem muito popular criada na Itália, em 1958, por Maria Perego. Trata-se de um ratinho com personalidade infantil. Fora da Itália, Topo Gigio já fez parte de outros programas de televisão como o *Ed Sullivan's Show*, nos Estados Unidos, ou *Topo Gigio and the Missile War*, e *Nippon Animation* (1988), no Japão. No Brasil, foi revisitado por Agildo Ribeiro em programas apresentados em 1969. Voltou à TV em 1983 e em 1987 com o programa “Boa Noite, Amiguinhos”, da Rede Bandeirantes, que também lançou, em 1987, o filme “Topo Gigio no Castelo do Conde Drácula”.

com o colégio Cearense, um dos mais respeitáveis, à época. Assim, terminada a educação infantil, as crianças não precisavam realizar teste de admissão para ingressar no Cearense. Margarida, sempre à frente de seu tempo, também desenvolveu projetos inovadores de valorização da leitura, num tempo em que mal se falava nisso. O aluno deveria ler um livro por mês. No entanto, o método era tão instigante que algumas crianças terminavam lendo até dois por semana. Era leitura por prazer, por fruição, não por nota, meramente. Além do mais, a leitura deveria se desdobrar em ações culturais, como teatro, dança, desenhos, se fosse do gosto do aluno. As reuniões com os pais eram feitas por classe, ocasião em que se avaliava o desenvolvimento das crianças e se primava pela interação com a família. As mães se envolveram no processo, e resolveram fundar o Gigio Clube Recreativo, para organizar as festinhas dos meninos e outras atividades coletivas.

Ao longo da história, a escola foi se firmando como referência no bairro e na cidade. A princípio, a escola adotava a filosofia montessoriana, criada por Maria Montessori²², em que a criança aprende por meio de experiências

22 Maria Montessori nasceu em Chiaravalle, Itália (1870), e faleceu em Noordwijk aan Zee, Países Baixos (1952). Foi educadora, médica, católica, pedagoga e feminista. O método educativo que desenvolveu destaca a importância da liberdade e do estímulo para o desenvolvimento físico e mental das crianças. Para ela, liberdade e disciplina se equilibrariam, não sendo possível conquistar uma sem a outra. Adotou o princípio da autoeducação, que consiste na interferência mínima dos professores.

e, conseqüentemente, da liberdade de fazer, entre acertos e erros. Em 1994, Margarida vende a escola para as educadoras Sandra Maria Dias Pinheiro, “Tia Sandra”, psicóloga paulistana, e a pedagoga cearense, criada em São Paulo, Francisca Ninfa Dias dos Santos, “Tia Ninfa”. A filosofia educacional da escola Topo Gigio é atualmente socioconstrutivista, linha pedagógica que valoriza primeiramente as vivências, as experiências das crianças, antes da preocupação com o conteúdo. A metodologia tem base nos estudos de Piaget²³, Vigostsky²⁴ e Jacob Moreno²⁵. A proposta é explorar os valores individuais e as artes em suas mais diversas linguagens. O aluno passa a se tornar sujeito da sua própria história, cultivando as descobertas e o gosto pelos estudos. Outro ponto importante é que a escola prima pela interação entre família e escola. Também são muitas as

23 Jean Piaget foi um epistemólogo suíço. Nasceu em Neuchâtel (1896) e faleceu em Genebra (1980). Considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Na educação, enquanto pedagogo, Piaget utiliza sua teoria dos “estágios” para contrapor o ensino tradicional, autoritário, herdado do século XIX.

24 Vygotsky nasceu em Orsha (1896) e faleceu em Moscou (1934). Foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. Um dos seus conceitos mais importantes é o de Zona de desenvolvimento proximal, que se relaciona com a diferença entre o que a criança consegue realizar sozinha e aquilo que, embora não consiga realizar sozinha, é capaz de aprender e fazer com a ajuda de uma pessoa mais experiente.

25 Jacob Levy Moreno foi um médico, psicólogo, filósofo, dramaturgo turco-judeu nascido na Romênia, crescido na Áustria (Viena) e naturalizado americano. Criador do psicodrama e pioneiro no estudo da terapia em grupo, implementou grandes contribuições no estudo dos grupos, em psicologia social, e é o criador da sociometria. Nasceu em 1889 e faleceu em 1974.

histórias de membros de diversas gerações de uma mesma família que estudaram nesse privilegiado e tradicional espaço da Parquelândia.

Bar Besouro Verde – tradição em pessoas

A vida boêmia, na Parquelândia, sempre foi bem movimentada. Já nos anos 1950, o bairro era conhecido por suas inúmeras casas de forró. A mais importante era a Forrobodós, de João Nascimento e Chico Galinheiro. Hoje, o grande representante dessa época áurea de plenos anos dourados, e prova de que o parquelandiano também é *bon vivant*, é o famoso Bar Besouro Verde, que funciona desde 1953. Localizado na rua Amadeu Furtado, nº 381, o bar é ponto de encontro de quem aprecia uma cervela geladíssima, um delicioso feijão verde ou uma boa porção de torresmo, os carros-chefe da casa.

O Bar Besouro Verde, idealizado pelo senhor Hélio Martins, no início era uma espécie de lanchonete e levava na fachada o nome do santo cearense: Mercearia Padre Cícero. A lanchonete transformou-se em bar, que resiste ao tempo, sexagenário e muito solicitado pelos moradores do bairro, principalmente pelos torcedores do Ceará. Alguns têm até cadeira cativa, escolhem o lado da sombra e têm a

liberdade de denominar o recinto de “bar do Ceará”. Essa história foi escrita pelo seu Hélio e por sua esposa, dona Nadir. O Bar Besouro Verde é e sempre será referência histórica do bairro Parquelândia, pela longevidade, persistência e bons serviços prestados à comunidade boêmia, já tendo sido, inclusive, vice-campeão (em 2014) do “Comida di Buteco”, um dos maiores concursos de comida de raiz do Brasil, com o petisco Feijão do BV (feijão verde com creme de leite). Os vencedores são escolhidos não só pelos jurados, mas também por votação popular.

Todos os filhos de seu Hélio ajudaram no bar, entre eles o hoje conhecidíssimo jornalista Eliomar de Lima, que nos prestou valioso depoimento sobre o bairro, inserido neste opúsculo. Há vinte anos o estabelecimento é administrado por outro filho do seu Hélio, Wellington Martins (Nena), e sua esposa Rosânia Ferreira (ou dona Rosa).

A essa altura, quem não conhece a história deve estar se perguntando: e o nome, de onde surgiu? Besouro Verde (The Green Hornet) foi, inicialmente, uma série radiofônica transmitida de 31 de janeiro de 1936 a 5 de dezembro de 1952 por uma rádio de Detroit, EUA. Era criação de George W. Trendle e Fran Striker. O Besouro Verde é Britt Reid, milionário dono do jornal *O Sentinela Diária*, que se transforma num vingador encapotado. Esse herói é auxiliado pelo oriental Kato, seu mordomo, mestre em artes marciais, que por sua vez dirige o Beleza Negra,

automóvel de avançada tecnologia e cheio de truques. O famoso herói ganhou versões, além do rádio, no cinema, televisão, livro e histórias em quadrinhos. Em 1966, o mordomo Kato foi interpretado na TV pelo grande gênio das artes marciais, Bruce Lee. Para muitos, o personagem Besouro Verde antecipa e até inspira a criação de Batman, o homem morcego.

Hospital São José (HSJ) – referência nacional

O Hospital São José de Doenças Infecciosas, também conhecido como HSJ, foi criado pela Lei N.º 9.387 de 31 de julho de 1970, mas seu funcionamento começou antes, em 31 de março do mesmo ano. Tendo sido seu primeiro diretor o senhor Lúcio Gonçalo de Alcântara, de outubro de 1970 a 22 de março de 1971. O governador do Ceará era o Dr. Plácido Aderaldo Castelo, e o Secretário de Saúde, o Dr. José da Rocha Facundo.

O Hospital São José foi criado como objetivo de promoção dos cuidados a pacientes com doenças transmissíveis, portanto, hospital de isolamento. É hospital de aprendizagem, credenciado pelos Ministérios da Saúde e da Educação, com residência médica. Preserva ainda outra missão: prestar assistência qualificada e humanizada em

doenças infecciosas. Com o passar dos anos e o surgimento das vacinas, o perfil mudou. Com o aparecimento da Aids, no início dos anos 1980, o HSJ voltou-se também para o acolhimento dos pacientes soropositivos para o HIV.

O HSJ continua sendo referência no tratamento das doenças infecciosas, a partir de iniciativas científicas aliadas ao desenvolvimento tecnológico. Possui atualmente cento e vinte leitos, sendo oito de UTI. Conta ainda com a emergência, que atende a cerca de duzentos pacientes por dia. Por mês, chega a atender até quinze mil pacientes. Já o atendimento ambulatorial especializado recebe, em média, dez mil pacientes por mês. Estes ambulatórios são especializados no acompanhamento de pacientes com Aids, hepatites virais, leishmaniose, entre outras doenças.

Outra característica do HSJ é o serviço de atendimento domiciliar e a estrutura de apoio aos pacientes, como o setor de imagens e radiologia.

A Aids ainda é a doença que ocupa a maior parte dos leitos de internamento e representa a maior parte do atendimento ambulatorial. A tuberculose também demanda atenção, assim como a dengue. Somadas a estas patologias estão as epidemias que são imprevisíveis.

Além de ser referência no tratamento das doenças infecciosas, o HSJ também tem se destacado por ser um

hospital formador e, recentemente, foi incluído na Rede Universitária de Telemedicina (Rede Rute). Apenas 92 instituições no Brasil fazem parte dessa Rede. Destacado como referência no tratamento de doenças infecciosas, o HSJ tem agora o reconhecimento dos ministérios da Ciência e Tecnologia, da Educação e ainda da Saúde.

Genuinamente Parquelândia

Nestes tempos de globalização e integração de mercado, é cada vez mais raro acharmos grandes estabelecimentos comerciais de origem local. Mais fácil nos depararmos a cada esquina com firmas multinacionais ou de economia mista. Se muito raras são as empresas genuinamente cearenses com grande êxito no mercado, uma delas foi nascida e criada na Parquelândia. Trata-se do Supermercado Frangolândia. O próprio nome do estabelecimento já anuncia a ideia de se vincular a denominação do bairro onde tudo começou com o produto que, nos primórdios, era carro-chefe de vendas: o frango. Daí, Frangolândia.

Voltemos no tempo: em junho de 1979, nascia, no bairro da Parquelândia, um pequeno comércio de frango abatido. Tudo começou com dona Josélia Ximenes, pessoa muito querida no bairro. Com amabilidade e trabalho,

dona Josélia conquistava os primeiros fregueses. De início, seu pequeno comércio situava-se em frente à Igreja Redonda, no antigo Campo do Pio. O empreendimento cresceu, virou mercearia e passou a comercializar outros produtos, alcançando número significativo de clientes. Os negócios iam bem, já administrados também pelos filhos, e o empreendimento crescia. Assim surgiu, com muita luta, união e persistência, o Supermercado Frangolândia. Atualmente, o Superfrangolândia gera 1458 empregos diretos e 4.400 indiretos. A empresa continua em expansão e já conquista outras regiões do estado do Ceará.

Secretaria Executiva Regional III

A Parquelândia abriga a sede da Secretaria Executiva Regional – SER III (situada à avenida Jovita Feitosa, 1264), que atende 17 bairros: Amadeu Furtado, Antonio Bezerra, Autran Nunes, Bonsucesso, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Olavo Oliveira, Padre Andrade, Parque Araxá, Pici, Parquelândia, Presidente Kennedy, Rodolfo Teófilo e Quintino Cunha.

As Secretarias Executivas Regionais prestam serviços municipais, identificando e articulando o atendimento às necessidades e demandas da população e promovendo o desenvolvimento urbano, ambiental e social. Têm como objetivo proporcionar condições de melhoria de vida dos habitantes.

Tipos Populares

O Granja (conhecido homossexual). À época, havia grande preconceito e a população tratava essas pessoas de maneira estereotipada.

Os “doidinhos” (metiam medo ou geravam gozação): Pepita (irmã de Maria Barroada), Maria Popopô, Chaparral, Peixe Podre, Scania ou Ligeirinho (corria pelas ruas e imitava uma carreta Scania, reproduzia o som com a boca e simulava passar as marchas). Marconi das Galinhas.

Os “Rabos-de-Burro”: houve uma época em que muito se falava em rabos-de-burro.²⁶ Eram rapazes de famílias tradicionais que praticavam atos de vandalismo e rebeldia. As atitudes foram tornando-se extremadas e culminaram em rapto e violência sexual contra mulheres.

É possível destacar dois momentos das notícias sobre os rabos-de-burro em Fortaleza: o primeiro centrado entre os anos de 1954 e 1956, depois de um intervalo de um ano (1957), os casos voltariam às manchetes dos jornais em 1958, adentrando a década de 60. Os classificados como rabos-de-burros eram principalmente rapazes oriundos de famílias de classe média ou classe média alta” (NOÊMIA, p. 180).

26 Segundo o memorialista Blanchard Girão, o nome rabo-de-burro surgiu numa reunião entre jornalistas do Correio do Ceará. Depois de ação da turma comandada pelo líder conhecido como Cu de Burro, os jornalistas tentaram encontrar a alternativa para noticiar o fato sem que o apelido Cu de Burro fosse publicado. A alternativa foi substituir a primeira palavra por um sinônimo, daí “rabo de burro” (GIRÃO, p. 122).

Dizem que na Parquelândia os rabos-de-burro faziam ponto entre o Colégio Júlia Jorge e a então garagem da CTC²⁷. Ivan Paiva, Messias e Pinduca tornaram-se os mais conhecidos da cidade.

Para permanecermos humanos

A Parquelândia é um bairro relativamente novo. Para esta pesquisa, encontrei raríssimo material bibliográfico. Diferentemente de bairros como Messejana, Parangaba ou Montese, a história da Parquelândia está registrada principalmente na memória de seus habitantes. No entanto, feitas as pesquisas possíveis, armado o arcabouço da história do bairro, fui à procura de pessoas e lugares do nosso tempo. Em vários pontos os depoimentos coincidem com os fatos pesquisados. Por isso, considero fundamental assinalar aqui os depoimentos de moradores do bairro, como é o caso dos jornalistas Cid Carvalho e Eliomar de Lima, que foram muito atenciosos e prestativos, e do poeta Henrique Dídimo, cuja infância e adolescência foram vivenciadas na Parquelândia. Henrique foi o primeiro que se disponibilizou a escrever um testemunho sobre o bairro que ama, porém foi o último a entregar. Por quê? Vejam

27 Companhia de Transporte Coletivo.

o tamanho do depoimento (quase outro livro) e junte-se a isso a prudência e minúcia herdadas do pai, o ilustre escritor José Maia. Também foram importantes depoimentos orais do próprio José Maia e de sua esposa dona Eliane.

Uma curiosidade: poucos sabem que uma das mais importantes bibliotecas do Ceará fica na Parquelândia. Trata-se da biblioteca do jornalista Cid Carvalho. Na verdade, um terço dela, pois as outras partes se distribuem por dois outros endereços: rua Padre Mororó e Cidade dos Funcionários. Cid Carvalho é um dos mais ilustres moradores do bairro e bibliófilo. Contou-me que a casa em que mora foi construída sobre uma lagoa. Quando o visitei, a fim de pedir-lhe um depoimento para este livro, fui presenteado com um exemplar de *Sua Majestade, o juiz*, de autoria de Jáder de Carvalho, seu pai. É uma rara segunda edição, publicada por Manoel Coelho Raposo. Ao chegar em casa, pus-me a ler o livro e, coincidentemente, encontrei várias referências ao bairro Alagadiço: “No quarto ano José afastou-se do futebol e procurou recuperar o tempo perdido. Morava agora no alagadiço. [...] Eram vistos ora no fim da linha de bondes do Alagadiço, ora no Mucuripe, ora em Porangaba” (CARVALHO, 2001, pp. 70 e 80).

Interessei-me também pelo depoimento de personalidades que moraram no bairro, ou mesmo em suas adjacências, como é o caso do escritor Caio Porfírio Carneiro, residente em São Paulo, que na sua infância vasta estendia

as aventuras até aquela região da cidade, em remota época. Caio me ditou seu testemunho por telefone, enquanto dávamos boas risadas. Do auge dos seus 86 anos, parecia um menino relembando peripécias.

Assim fica dado, penso eu, um passo importante para a construção da memória do bairro Parquelândia, em colaboração à significativa aventura de se historiar a grande memória de nossa querida Fortaleza. Mais generoso fosse o tempo, alargáramos, com muito prazer, as pesquisas sobre esse bairro que me encantou e que, de agora em diante, passa a também fazer parte das minhas memórias afetivas. Foi gratificante a aventura de mergulhar um pouco na história desse bairro sedutor. Que novos pesquisadores se encarreguem de esmiuçar as histórias dos bairros, das cidades, pois não há jeito melhor de reencontrar o humano que existe em nós, principalmente nesses tempos em que a vida se torna cada vez mais prática, objetiva e veloz. Como disse o grande escritor humanista Ernesto Sabato, “é impossível o homem permanecer humano a essa velocidade; vivendo como autômato, será aniquilado. A serenidade, uma certa lentidão, é tão indissociável da vida do homem quanto a sucessão das estações para as plantas ou para o nascimento dos bebês” (SABATO, 2008, p. 86). É fundamental conhecermos nossas origens para reforçarmos o sentimento de pertença. A coleção Pajeú vem mapear Fortaleza, geográfica e afetivamente. Fico até a me perguntar: por que não pensaram nisso antes?

Dou a conhecer os depoimentos dessas ilustres personalidades que a mim se juntaram para engrandecer este trabalho, que é de nós, fortalezenses. Completado o livrinho, só tenho a dizer: *Ergo bibamus!* E façamos um brinde à história ou, melhor ainda, às histórias que andam nas cabeças e bocas.

Histórias de quem também fez o bairro (Depoimentos)

Um pouco de Parquelândia

Cid Sabóia de Carvalho²⁸

Anossa atual Parquelândia, situada no lado da nossa cidade, começou a existir de modo muito precário e difícil. Na verdade, o acontecimento mágico de tanta urbanização ocorreu com a construção, em condições precárias, da avenida Jovita Feitosa. Naquela época, o principal atrativo dessa geografia sem desenvolvimento era o chamado Campo do Pio, local de algumas moradias humildes e de muitas atividades sem grande importância social, como

28 O fortalezense Cid Sabóia de Carvalho tem sido uma figura constante na história do Estado desde a segunda metade do Século XX. Pioneiro nas comunicações, estreou no jornalismo em 1948, na redação do extinto “Diário do Povo”. Em 1956, iniciou seu longo caso de amor com o rádio, quando ingressou na “Rádio Uirapuru”. Cid Carvalho passou ainda pelas rádios “Verdes Mares”, “Cidade”, “Dragão do Mar” e “Assunção” e trabalhou em vários jornais da capital cearense. Advogado de talento, tornou-se professor do curso de Direito da Universidade Federal do Ceará, em 1968, e dois anos depois, participaria também do corpo docente do curso de Jornalismo da instituição. Político atuante, Cid Carvalho elegeu-se senador pelo PMDB em 1986, e ocupou uma cadeira no Senado de 1987 até 1995.

briga de galo, macumba e festas populares, ao lado de um toско futebol suburbano e perene.

Com a abertura da avenida, começaram a ser construídas as primeiras casas mais razoáveis. Uma das primeiras pertencia ao professor Francisco Matias Delmondez, autor de livros os quais assinavam como Delmondez Neto, de preferência romances, de histórias bem humanas. Durante algum tempo, ele foi redator do Diário do Povo. A partir dele e de sua casa, onde morava com a mulher Neuza e tantos filhos, o bairro passou a receber construções frequentes que seguiam em busca do pôr do sol. Um pouco mais à frente, e para o lado direito, situava-se o perigoso Coqueirinho, onde o professor Francisco Uchoa de Albuquerque construiu uma bela casa, às margens de uma lagoa aterrada, em cujo leito se formou o principal quarteirão da rua Gustavo Sampaio, onde foram morar pessoas como o Veloso, cunhado do Aécio de Borba, Edmilson Urano, ambos falecidos, e muitas famílias que se fixaram ou por ali passaram um breve tempo.

A Parquelândia, também chamada de São Gerardo ou Alagadiço, passou a ser mais importante por conta de referências notáveis, como a Secretaria de Agricultura do Estado, a Casa de Saúde São Gerardo, o Colégio Júlia Jorge, o Hospital São José e a Igreja Redonda, como é popularmente chamado o Templo de Santo Afonso, para o desagrado dos párocos. Esse bairro chamou a si a responsabilidade

de ser residência de professores universitários, por conta da proximidade do campus da Universidade Federal do Ceará. Todos os profissionais do ensino queriam morar ali, tendo em vista o local de trabalho. Era também a época em que os oficiais da Polícia Militar, antes de ser atraídos para outros lugares, também iam morar ali, devido à posição estratégica ocupada pelo novo bairro da cidade.

Em face das avenidas Bezerra de Menezes, Jovita Feitosa e muitas ruas com nomes de religiosos e professores, logo a Parquelândia ocupou todos os seus terrenos disponíveis com residências de pessoas muito bem situadas na sociedade cearense e, assim, logo vieram escolas, clínicas médicas, igrejas, *buffets* e um comércio inquieto, que dominou principalmente as duas avenidas que se tornaram comerciais e pouco residenciais.

Muito antes de ir morar ali, em 1971, após comprar a casa do Pacheco, como jornalista eu frequentava este lado da cidade, por conta da Hospedaria Getúlio Vargas, Secretaria de Agricultura e, entre outras coisas, o colégio Santa Isabel, de competentes freiras, por um motivo muito especial: a Luce, antes de casar comigo, estudava neste estabelecimento, onde era interna, e isso significava que eu vivia a transpor a acidentada avenida Bezerra de Menezes, muito antes de ter a sua construção magnífica feita pelo prefeito Murilo Borges Moreira, pessoa pela qual eu tinha grande admiração.

Curioso notar que a Lagoa da Onça também nos pertencia antes de ser assassinada, e que a casa que comprei foi construída onde era outra lagoa, tão sem importância que não sei dizer o nome dela.

Mesmo assim, a Parquelândia é encantadora e bela, embora muito esquecida de quando em vez.

Fortaleza, 14 de julho de 2014.

O Alagadiço do meu coração

Caio Porfírio Carneiro²⁹

Passei minha infância e juventude nas cercanias do antigo Alagadiço, que era a avenida Bezerra de Menezes, e o bonde, na época, ia até o Barro Vermelho, que era o local onde ficava a faculdade de Agronomia do Ceará. Eu morava na Praça São Sebastião, que era um areal imenso, com algumas mongubeiras e cajueiros. O alagadiço ia do Otávio Bonfim até o Barro Vermelho. Reuníamos um grupo de meninos e íamos a pé ou trepados nos bondes, de onde pulávamos fora, caindo, quando chegava o cobrador.

29 Caio Porfírio Carneiro nasceu em 1º de julho de 1928, em Fortaleza, Ceará. Fez os estudos primários e secundários em Fortaleza. Em 1955, transferiu-se para São Paulo, onde foi redator de programas da Rádio Piratininga. Em 1963, tornou-se Secretário Administrativo da UBE (União Brasileira de Escritores), cargo que ocupou por 48 anos. Hoje é conselheiro. Publicou mais de duas dezenas de livros nos gêneros conto, novela, romance, poesia, memória e infantojuvenil. O romance *O Sal da Terra* foi traduzido para o italiano, árabe, francês e adaptado em roteiro técnico para o cinema. Contos seus estão incluídos em inúmeras antologias. Ministrou palestras e conferências em diversos Estados. O sal da terra mereceu estudo detalhado de Danielle Damiens, para Trabalho de Estudo e Pesquisa (Maitrisse LLCC, Universidade Stendhal, Bologne, France), em língua portuguesa. Essas são suas principais obras: *Trapiá* (contos), *O Sal da Terra* (romance), *Os Meninos e o Agreste* (contos), *O Casarão* (contos), *Chuva - Os dez cavaleiros* (contos). Foi laureado com vários prêmios literários, entre eles: Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras; Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

Nosso destino era o Campo do Pio, na altura da Igreja de São Gerardo. Existia muita lama, muita água empoçada e chácaras com trepadeiras. O meu pai era amigo de um dos moradores de uma das belas chácaras: era o poeta Antônio Sales, que conheci pessoalmente, quando menino. Entrávamos mato adentro até o Campo do Pio. Era um excelente campo de futebol, com uma casa e um morador que proibia a invasão sem autorização, porque lá treinavam times que disputavam torneios da época: Maguary, Estrela do Mar, Ferroviário etc. Não dávamos bola, invadíamos o campo e começava a pelada com bola de pano ou de borracha. Depois íamos até o final do Alagadiço, dobrávamos à esquerda e andávamos vários quilômetros até a Lagoa de Parangaba, para tomarmos banho despídos. Voltávamos para casa e chegávamos extenuados, na hora do almoço. Éramos castigados por essa doideira. Ou, então, íamos ao Campo do Pio apenas para vermos os grandes times treinarem. Nessa época, existiam apenas casas dispersas e varcarias. Este foi o ambiente que conheci na infância e que se transformou na bela Parquelândia.

Apaixonado pela Parquelândia

Eliomar de Lima³⁰

Nasci na rua Amadeu Furtado, 357, numa casa simples, que dividia cômodos com a Mercearia Padre Cícero, hoje o conhecido Bar Besouro Verde. Eram os anos de 1960, quando meu pai, seu Hélio, era subdelegado do bairro do Coqueirinho, que tempos depois virou Amadeu Furtado, Alagadiço e Parquelândia. Nesse período, minha mãe, dona Nadir, ajudava fazendo bolos caseiros e outras iguarias para reforçar a prateleira de um pedaço de chão onde cereais dividiam espaço com bebida, uma velha geladeira e uma radiola, na qual predominavam os clássicos do brega.

Sempre vivi na Parquelândia. Vim ao mundo pelas mãos da parteira Maria Viana, que lá em casa “pegou” seis dos oito filhos. Lembro-me, por exemplo, das vezes em

30 Eliomar de Lima (Fortaleza, CE, 11 de dezembro de 1962) é um jornalista, radialista, colunista e blogueiro brasileiro. Começou sua carreira aos 21 anos, como locutor da Rádio Uirapuru. Posteriormente passou a escrever para o Jornal O Povo, onde mantém até hoje uma coluna. Atuou também nos jornais Tribuna do Ceará e O Estado, na rádio O Povo CBN e na TV O Povo. Em 2011, recebeu da Câmara Municipal de Fortaleza a Medalha Antônio Drummond, em reconhecimento ao seu serviço jornalístico. Em 2012, foi considerado um dos 30 cearenses mais influentes do ano, de acordo com uma enquête realizada pela revista Fale! Mantém o “Blog do Eliomar”, incorporado ao jornal O povo.

que meu pai comprava panelada do velho “figueiro”, um homem que passava no começo da manhã montado em seu cavalo, batendo numa caixa cheia do produto para avisar ao freguês.

Sou do tempo do Barroso, vendedor de picolés. Ele era conhecido porque usava um cano como se fora megafone para chamar a criançada de um período em que correr na rua era correr mesmo: jogando bola, brincando de bandeira ou de esconde-esconde, com direito a empinar arraia, ou pipa, como queiram alguns.

Sou do tempo ainda do Chico Maroba, um velho ranzinza que vendia tapioca fresquinha e paulista. Ele acabou marcando época na infância de muitas crianças desse pedaço, porque passava cantarolando bem cedo uma música que se resumia num só trecho: “cai, cai... cai, cai...”. Até hoje não deu para decifrar.

Sou também de um bairro que teve meu pai como dono de um dos primeiros televisores coloridos da região. E haja gente que se juntava na área de casa, deixando a chinelada no canto, para assistir àquela beleza, e ter que driblar o sono para conferir mais um capítulo da novela “O Bem Amado”. Era a única atração da época feita com o tal *technicolor*.

Pois é, são tantas histórias e fatos marcantes, de uma família que se confunde e se identifica até hoje com o

pedaço de lote adquirido por meus pais. Aliás, Parquelândia quer dizer, numa tradução nada rebuscada, a “Terra do Parque”. Mas, pensando bem, e respeitando os poucos moradores das antigas que ainda resistem, até que poderia se chamar Disneylândia. Nunca vi tanto personagem curioso, com cada marmota ou cauro, em outro lugar.

Ah, com licença! É hora de tirar as cadeiras da calçada. Essa tradição, acredite, ainda resiste em algumas ruas da Parquelândia, como a nossa Amadeu Furtado.

Artes e quintais da Parquelândia

Henrique Dídimo³¹

No início, a Parquelândia era uma região muito arborizada. Nas calçadas, era comum se plantar acácias e castanholeiras. Nos quintais, amplos e contíguos, havia muitas árvores frutíferas: jambeiros, mangueiras, sapoti-zeiros. Isso atraía pequenos animais, como os soins, que descobriam caminhos nas copas das árvores para chegar às frutas. Eventualmente aparecia um camaleão, vindo das matas do Pici, e quando uma rasga-mortalha assobiava na noite, gritávamos: “Viva os noivos!”.

Nos anos 1970, lembro que ainda se via gado pastando próximo às lagoas, que se desdobravam em córregos, cheios de piabas e lavadeiras. As ruas de calçamento rústico eram ainda mal delineadas, mas por elas vinham as carroças de mudança, o jipe do leiteiro, o vendedor de chegadinha.

31 Henrique Dídimo nasceu em 1972, em Fortaleza, Ceará, onde vive e trabalha. É professor, escritor e realizador audiovisual, trabalhando como diretor, roteirista, fotógrafo e editor de vídeo. Como documentarista, tem realizado filmes em parceria com universidades e instituições. Na Videoarte, pesquisa questões sobre o corpo, a cidade, a palavra e o meio-ambiente. É contista e poeta, com publicações em livros, revistas e suplementos literários. Leciona na Escola de Audiovisual (Vila das Artes), Projeto Pontos de Corte, e desenvolve ainda cursos e oficinas.

O bairro era muito bom de se caminhar. As casas, de muro baixo, sopravam um cheiro de jasmim e as famílias demoravam-se nas calçadas. Boa parte de minha família morava no bairro e transitávamos entre as casas de tios e avós. No quintal da minha avó, a Miminha, tomávamos banho de bica entre as palmeiras. Deixávamos a roupa quorar no terreiro, sempre bem varrido e cheio de pardais. Depois, ela colhia um capim santo ou cidreira para tomarmos chá. A Miminha sempre estava aberta para a vizinhança e recebia, além dos netos, os filhos dos vizinhos e logo a casa se enchia de crianças.

Essa Parquelândia ainda meio rural, dos anos 1970, conservava algumas tradições. Principalmente, nos três ciclos de festas populares mais enraizados em nossa cultura: o São João, o Natal e o Carnaval.

Lembro que no aniversário de minha mãe, na véspera de São João, as ruas estavam sempre cheias de fogueiras. As pessoas amarravam bandeirinhas, soltavam fogos e estalavam chicotes. Os arraiais improvisados fechavam trechos das ruas com palhas de coqueiro. Alguns vizinhos faziam barraquinhas e ali se comiam canjica e pamonha, dançava-se quadrilha, faziam-se o casamento matuto e o batismo de fogueira.

No Natal, além de presépios e lapinhas, havia outras tradições. Os moradores mais antigos, como a dona

Ieda Braga, contam que, pelos anos 1970, havia um Pastoral organizado por dona Neusa, em sua casa na rua Gustavo Sampaio. Já nos anos 1980, era comum, na noite de reis, juntarmos os amigos e, com violão e percussão, cantarmos as clássicas músicas de reisado de porta em porta. Em troca, ganhávamos vinhos, doces e outras sobras do Natal. Depois, a meninada fazia a festa com o apurado.

No ciclo do carnaval, há notícia de um Maracatu chamado Leão Coroado, fundado ainda nos anos 1950, com sede na rua Gonçalves Dias. E, desde os anos 1970, existe a Escola de Samba Imperadores da Parquelândia, que também botava na rua um bloco de sujeitos conhecido como Capim Gordura e tinha como local de reunião uma casa na rua Padre Guerra. Também acontece, há alguns anos, o carnaval de rua, na pracinha perto do Clube Tiradentes.

Além dos ciclos festivos, eventualmente algum circo mambembe ou parque de periferia, daqueles com as cadeirinhas espalha-brasa e roda-gigante, se instalava nas praças e terrenos que ainda restavam desocupados. Ver o bairro do alto da roda-gigante era sempre uma novidade. Ficávamos procurando os quintais dos vizinhos, mapeando as piscinas e descobrindo detalhes de nossas próprias casas. Cada parque que se instalava nos dava acesso a uma nova perspectiva sobre o bairro.

Um evento esperado todo ano pelas famílias era a Feira dos Municípios, que durava uma semana e se realizava no enorme terreno da Secretaria de Agricultura, na Bezerra. Além das barracas com artesanato e pratos típicos de cada município do Ceará, havia casa de farinha, exposição de animais, tapioqueiras e muita maçã do amor e algodão doce. Também sempre havia um parque de diversões com brinquedos mais assustadores que os de costume, como o Tira Prosa, o Túnel do Terror ou a barraca da mulher que virava gorila.

A avenida Bezerra de Menezes é uma das saídas da cidade e é por ali que se acessam as praias do município de Caucaia. Muitos moradores do bairro tinham casa de praia no Icaraí, Pacheco ou Cumbuco. Já os surfistas desciam bem cedinho para a Bezerra, para esperar o primeiro ônibus da Vitória e pegar as melhores ondas.

A Bezerra também era palco de protestos e ocupações, nos anos 1990, quando trabalhadores rurais acampavam, pressionando o governo por melhores condições de vida. Lembro que íamos até lá prestar solidariedade e levar alimentos para os acampados, enquanto a polícia fechava o cerco de tal forma que impedia qualquer ajuda.

Falando em movimentos sociais, ali na Parquelândia, funciona uma sede da Funai, atraindo grupos indígenas para negociações, tendo ocorrido até uma ocupação da casa. Mas a presença indígena na Parquelândia antecede à

presença da Funai e foi bem mais difusa e muito menos visível. Quando estive entre os Tremembé de Almofala, uma índia chamada Dijé me contou que tinha sido empregada doméstica na Parquelândia. Isso era comum, adolescentes indígenas costumavam vir para Fortaleza tentar a vida. Mas eu soube, pela Dijé, que várias dessas meninas foram especificamente para aquela região da Parquelândia.

Naquela época, era comum ter trabalhadores domésticos em casa, as empregadas e babás, que eram muitas vezes marginalizadas da vida familiar e social. Porém, traziam uma cultura sertaneja para dentro de casa, com valores e crenças que ajudavam a formar o imaginário das crianças. Isso me fez repensar sobre as histórias que aprendi com a Lourdes. Ela era maranhense e, durante toda minha infância, alimentou minha imaginação com lendas, causos e histórias do sertão.

Algumas práticas tradicionais eram comuns até os anos 1980. Na rua, vendedores ambulantes chamavam a clientela entoando um pregão. Sábado pela manhã, passava o homem do peixe, gritando um comprido “peeeixe!” e a gente corria levando a balança para pesar. Todo fim de tarde era obrigatória a passagem do vendedor de chegadinha, ao ritmo do triângulo, que se ouvia de longe.

Outros vinham pedindo uma ajuda. Era o caso do seu Pedro, um velho vaqueiro que aboiava versos duros e

sinceros e, se deixasse, passava a tarde cantando pra gente ouvir. Dona Carmelita era uma velhinha muito conversadora e cheia de vida. A gente costumava guardar roupas e alimentos para ela, que agradecia com um “Deus lhe dê uma boa morte!”. Outro era conhecido como Ligeirinho, andava em passo rápido, com um saco nas costas. Ia sempre pelo meio da rua, como se dirigisse um Scania, passava a marcha imaginária e fazia os sons do caminhão. Depois que “descia” do veículo, andava normalmente, pedindo ajuda em bares e lanchonetes. Alguns dizem que morreu atropelado. Também havia um homem que se sentava na esquina, mas não pedia de porta em porta. Falava dali mesmo em tom bem alto, para todo o quarteirão, batendo em uma latinha. Começava invariavelmente com o mote: “Quem tem pai, tem mãe, tem tudo, quem não tem pai, não tem mãe, não tem nada...” e fazia suas preleções, desfiando seu rosário de lamentações, até que as pessoas levassem para ele alimentos e outras ajudas.

Alguns galegos vendiam de casa em casa todo tipo de utensílio doméstico. E havia uma feira livre no terreno onde hoje é a Agência do INSS, aliás lugar ocupado eventualmente pelos circos e parques e que alagava em época de chuva. Depois, a feira se reduziu à rua Dom Rego, hoje chamada de rua Dom Manuel de Medeiros. Havia também muitas bodegas, onde se podia comprar fiado, anotando no caderninho. No Mercadinho Japonês, comprávamos frutas

e verduras mas, para fazer o mercantil, era no Romcy ou, descendo para a Bezerra, nos Jumbos ou no Varejão. No entanto, o primeiro supermercado originalmente surgido no bairro foi a Frangolândia, fruto do empreendimento de dona Josélia, que começou seu negócio abatendo frango em casa com a ajuda dos filhos, tanto que durante um tempo ficou conhecido como mercadinho “Os Meninos”.

O centro da Parquelândia sempre foi a pracinha da Igreja Redonda. Lá, a vida do bairro flui, na banca de revistas da esquina, nas conversas com os vizinhos, na banquinha Paratodos. Taxistas de flanela na mão aguardam um próximo cliente, enquanto o velho pipoqueiro vem rodeado de alunos da escola anexa. No meio da praça, a estátua do Santo Afonso. Aliás, santo que dá nome à igreja, à escola, à paróquia toda, esquecido por conta da geometria moderna que simplificou o nome da igreja em “Redonda”.

A igreja organizava quermesses e leilões na praça, principalmente nas festas de Santo Afonso. Dona Angelita costumava estar à frente das atividades da igreja, organizando as novenas e procissões.

Havia também um local conhecido como Cenáculo, espécie de mosteiro que pegava um quarteirão inteiro da Bezerra de Menezes. Era um local muito arborizado e lá se fazia retiros espirituais e os chamados seminários de renovação no Espírito Santo.

Muitos músicos da região começaram tocando na Igreja Redonda, atraídos pelos “grupos de jovens”. O Pânico Rocha, baterista reconhecido nacionalmente, levava até o Quinteto Agreste para ensaiar na igreja, e por ali passaram músicos importantes como o Eudes Fraga, que fez carreira no sudeste, e o Eudinho, guitarrista de *jazz*, que depois se mudou para a Alemanha. Também tocavam violão nas animadas missas, o Dudu, o Alves e o João Carlos, entre tantos outros.

Nos anos 1980, a juventude local se encontrava na praça. Sexta-feira era dia de feirinha, um costume de uma cidade ainda pacata e pequena, com poucos *shoppings*. Havia a ferinha da avenida 13 de maio, mais movimentada, a da Gentilândia e a da Parquelândia, todas no eixo Jovita Feitosa/13 de Maio. A da Parquelândia era a mais reduzida, mas sempre cheia, com as barraquinhas de comidas, bebidas e artesanato. Mas o que importava mesmo era encontrar a turma, conhecer outras pessoas do bairro, inventar festas, aprender a beber e a namorar. Talvez, por terem instalado grades nos vãos da Igreja onde a menina namorava, houve uma época em que se dizia: “a igreja é redonda, mas o padre é quadrado”.

Domingo à noite havia a “missa dos jovens”. Depois, as turmas se reuniam na pracinha ou na sorveteria da esquina, e se tratava de descobrir onde tinha um “som”, para esticar a noite. Os “sons” eram festinhas em que alguém

abria a casa, ligava o som e espalhava a notícia na praça. Normalmente, as festas eram abertas a qualquer um que chegasse, mas havia algumas mais restritas, em que convites xerocopiados com assinatura no verso eram distribuídos para os amigos mais próximos, o que não evitava os conhecidos penetras. Os “sons” geralmente aconteciam às sextas, depois da feirinha, e aos domingos, após a missa. Muitas vezes aconteciam dois ou três na mesma noite e íamos a pé mesmo, com os bolsos e pochetes cheios de fitas K7, para surpreender com as músicas do momento.

Também nos encontrávamos em lanchonetes e pizarias ali mesmo na Jovita, como o Ninno’s e o Tritons, e às vezes nos aventurávamos mais longe, de carona com um primo mais velho, para o Steak House da Bezerra, já mais próximo do ambiente de uma boate. Outras vezes, íamos apenas lanchar no Disco Burger, que ficava ali do lado, ou nos *trailers*, como o Babalu (depois Bebelu) e o Catatau. Outro ponto de encontro era o bar 90 Graus, de esquina, na Jovita, confirmando a tendência geométrica do bairro.

Naquela época, as meninas do bairro frequentavam a academia Pavlova, na Jovita, onde se ensinava balé e dança moderna (na época, chamada de *jazz*). Já quem queria praticar Apolo ou fazer natação, ia para o Cenagi (Centro de Natação e Ginástica), organizado pelo Mário Amorim. Ainda na Jovita, havia as conhecidas Irmãs Andrade, cabelereiras muito requisitadas no bairro. Outro lo-

cal interessante era a Galeteria Portugal, que ficava ao lado de uma floricultura, e à noite, colocavam mesinhas junto às flores, o que deixava o local reservado e aconchegante. E nos domingos, algumas famílias costumavam almoçar no restaurante Acalanto, na Bezerra.

Algumas senhoras do bairro organizavam viagens e excursões pelo Brasil e mesmo para países como Argentina e Paraguai. Dona Marizita era a mais conhecida. O ônibus saía de sua casa mesmo, ali na Jovita, antiga casa onde antes havia morado a tia Baiá. Outra que organizava excursões era a dona Maria Silva, mãe do João Carlos, que morava na Bernardo Figueiredo, ao lado da casa da tia Laurinha. Íamos aguardar a chegada dos familiares nas próprias casas dos organizadores e era sempre uma festa quando nos encontrávamos.

Nos anos 1980, era comum reunir os amigos para assistir filmes nos primeiros aparelhos de videocassete domésticos, no início divididos entre VHS e Betamax. Passávamos na locadora e rateávamos o valor das fitas, assim dava pra ver vários filmes em uma tarde. Logo em frente à Igreja Redonda, na Jovita, havia a locadora Vídeo Show, onde também faziam fotos e íamos tirar nossos 3x4 para as carteirinhas de estudantes. Perto do Romcy, havia a Disk Park Vídeo, do Sandro, que tinha raridades como o vídeo do Hollywood Rock, em que havia o único registro conhecido da mítica banda cearense O Peso. Era lá também que

alugávamos cartuchos de videogames, como o Atari e o Odyssey. Já próximo da Bezerra, havia a Lafayette Vídeo, e, quando tínhamos transporte, íamos pegar algumas novidades na VHS do Brasil, no início da Jovita, depois do tri-lho. Nos anos 1990, surgiram outras importantes locadoras na Bezerra, já na era do DVD, mas todas foram arrasadas pela chegada da internet, TV a cabo e o advento das *lan houses* nos anos 2000.

Uma das atividades que mais gostava de fazer com os amigos de bairro, durante a adolescência, era publicar revistas e fanzines. Buscávamos patrocínio para imprimir as publicações geralmente das próprias papelarias e gráficas da região. Com o Cláudio Alessandro, fiz a Revista Expressão Impressa, exclusiva sobre o bairro, trazendo artigos e entrevistas com moradores. Também tínhamos, com o Racine, o Pedaco Jovem, versão Parquelândia. Divulgávamos na missa e vendíamos na banca da Igreja Redonda, nos anos 1980.

A principal banca de revistas do bairro era a do seu Valter, na esquina da pracinha, na época ainda bem pequena. Na mesma praça, ao lado da parada de ônibus, instalou-se, pelos anos 1990, a banquinha de antiguidades da dona Socorro, que compra e vende livros e discos usados até hoje, atraindo um jovem público leitor. Outra banca cheia de novidades é a Disneylândia, do Everton, que fica na outra pracinha da Jovita, onde comprávamos intermináveis coleções sobre arte, música, cinema.

A vida cultural e intelectual na Parquelândia era constante. No bairro, residiram, e ainda residem, vários escritores, políticos, jornalistas. Uma boa chave para se compreender o processo de ocupação e a posterior vida intelectual e boêmia da Parquelândia é a relação do bairro com a Universidade. Se podemos dizer que a Igreja Redonda é o coração do bairro, então a avenida Jovita Feitosa é a espinha dorsal. E essa avenida liga justamente o Centro de Humanidades, no Benfica, ao Campus do Pici, ambos da UFC. Talvez por isso alguns dos moradores mais antigos sejam professores ou funcionários da Universidade. As linhas de ônibus mais comuns do bairro, inclusive, têm nomes relacionados ao Campus Universitário (ou Campus do Pici) e atendem à demanda dos estudantes.

Alguns redutos boêmios atraíam professores e alunos da UFC, principalmente por perto do Campus do Pici, onde víamos com frequência o pessoal da biologia, da física, tomando sua cervejinha e discutindo filosofia de bar. Em bares como a Botique do Carro, até hoje ali na Jovita, moradores do bairro e comunidade acadêmica sempre se encontravam para conversas e paqueras. Era um lava a jato que virou bar, depois restaurante e casa de show. Como fica quase no encontro da Jovita com a Humberto Monte, atraía também turmas da Bela Vista, que se integravam bem com os estudantes. Outro local que atraía muitos estudantes era o HM Lanches, na Humberto Monte, bem na saída do campus do Pici.

Além dos estudantes universitários, alunos de diversas escolas circulavam pelo bairro. As crianças estudavam em escolinhas como o Topo Gigio, onde me alfabetizei, e o Walt Disney, depois conhecido como Walter Disney. Na rua Padre Guerra, havia o Colégio 15 de Novembro, já o Julia Jorge ficava na Azevedo Bolão e, perto do Pici, tinha o Joaquim Nogueira, onde também estudei. Nas escolas públicas, havia uma maior consciência política por parte dos estudantes, que organizavam greves e protestos para melhoria do ensino. No Joaquim Nogueira, por exemplo, havia um grêmio atuante, com lideranças que se destacaram, como é o caso do Paulo Leitão, na época chamado de Paulinho Resistência. Hoje ele é um reconhecido pesquisador de cultura popular e coordena o Reisado Brincantes Cordão do Caroá, na UFC, mas ainda mora na Parquelândia.

Vários músicos e artistas moravam e ainda moram no bairro. A família do cantor Belchior vivia na rua Padre Guerra e eram meus vizinhos. Sempre que ele vinha em Fortaleza, visitava sua mãe, Dona Dolores. Muito receptivo, conhecia os vizinhos pelo nome. Fomos uma vez entrevistá-lo para nossa revistinha e ele recebeu aquele grupo de adolescentes como jornalistas: passou a tarde toda conversando, autografando discos, falando sobre música, suas experiências místicas na serra, suas leituras sobre o Zen e o Sufismo.

Já o sanfoneiro Waldonys morava na rua Bernardo Figueiredo, quase em frente à casa de minha avó. Em sua casa, havia um estúdio onde recebia músicos e artistas. Luiz Gonzaga era presença frequente, tanto que se tornou seu padrinho musical e lhe deu uma sanfona de presente. Não é à toa que a Igreja Redonda foi escolhida para realizar a tradicional Missa do Sanfoneiro, iniciada por Waldonys e Dominginhos, em homenagem a Luiz Gonzaga.

Um outro artista importante para o bairro foi o Zé Pinto. Suas esculturas de ferro, feitas com sucata, podiam ser vistas em toda a avenida Bezerra de Menezes, muitas vezes instaladas sobre o canal. Zé Pinto tinha um atelier na avenida, que depois se tornou um bar, com um quintal cheio de esculturas, bastante reservado, frequentado por artistas e boêmios. Lembro que, nos anos 1990, saíamos para ver o sol se pôr da Ponte Metálica e, na volta, passávamos no Zé Pinto para tomar a última cerveja, sossegados entre suas plantas e artes. Até hoje algumas de suas obras podem ser vistas em recantos na Bezerra.

Outros artistas da região ainda são desconhecidos no resto da cidade, mas fizeram a diferença, colorindo o bairro com seus murais, espalhando música em seus quintais, criando revistas, discos, fanzines e outras artes.

Heraldo foi uma das personalidades mais interessantes que conheci na Parquelândia. Morava ao lado do

Júlia Jorge, onde havia estudado, e recebia os amigos em sua casa. Sofria de paralisia e vivia em uma cadeira de rodas, o que não o impedia de desenhar, criar projetos culturais e pequenos empreendimentos. Reunia ao seu redor um grupo de artistas, enxadristas, músicos e malucos em geral. Sempre havia uma rodinha de pessoas sentadas nas pedras ao lado do portão, na esquina da Azevedo Bolão com a 2 de Outubro, onde a turma se reunia para beber, fumar e ouvir música. Dona Heroína, sua mãe, botava ordem na casa, mas também participava da festa. Um grande painel pintado no muro revelava o desenho de um Ícaro, um anjo decaído, e o nome “Esquizofrenia”. Esse era o nome de um fanzine de quadrinhos, que congregava um bom grupo de artistas, como o Neto e o Nertan, desenhistas, o Gil, arte-finalista, o Rafael, chargista, os gêmeos Zé Guilherme e Guilherme José, roteiristas. Por lá também passavam outros artistas, como o Totonho, que dava para o Gil suas bisnagas usadas de tinta a óleo, e a Lisa, que pintava mandalas no vinil. O Gil Jarizo era especialista no grafite e arte mural, fazia impressionantes painéis com cenas surrealistas, era o tipo do cara que fazia arte o tempo todo, com qualquer material. Com o Heraldo, montou uma serigrafia no quartinho do lado, tinham uma reveladora e faziam camisas com temas ligadas ao rock.

Junto com o Nertan, Heraldo fazia capas das “fitas demo” de bandas de rock da região, como a da primeira demo

da Bewolf, com o desenho do cavaleiro de lança entrando na floresta, ou a capa da fita da Obskure que, duas décadas depois, em 2012, foi lançada em vinil. Foram justamente essas duas bandas, a Bewolf, do Sílvio, e a Obskure, do Amaudson, que fizeram o antológico show de aniversário do Heraldo, enchendo as ruas de rock. O rock era o som da periferia, era como os filhos dos trabalhadores podiam gritar contra um sistema que escravizava, era a chance de se falar o que se queria e de tentar outras formas de viver e se relacionar.

O Amaudson morava na rua Azevedo Bolão, bem na fronteira da Parquelândia com o Parque Araxá, em um apartamento em cima do bar do Nei. Lá se reuniam turmas que ouviam e tocavam sonoridades mais extremas, como o *black metal*, o *trash* e o *noise*. Em 1997, foi criada a ACR, Associação Cearense do Rock, que congregava bandas e promovia festivais.

A cena roqueira da região vem de antes. Lembro que em meados dos anos 1980, já havia uma pichação da banda Caco de Vidro na Jovita. Foi uma das primeiras bandas da região. Mas a cena dos anos 1990 era maior e mais diversificada. Os chamados *head-bangers* se popularizavam no bairro. Era uma turma que se vestia sempre de preto, meio mal-encarada, mas tinha ótimas conversas sobre Nietzsche, Aleister Crowley, Baudelaire. O Morcegão era conhecido no bairro, tinha um perfil magro e se destacava com suas tatuagens e cabelão, mas ninguém imaginava

que era um cara que lia Jean Cocteau e discutia literatura *beatnik*. Para além da congregação efusiva nos shows, com seus excessos, os roqueiros trocavam muitas referências culturais em longas conversas de bar. Lembro do livro *O que é Punk*, circulando pelas mãos do Cláudio Khuru, que era dado a quem se interessasse, com a condição da pessoa ler e depois repassar para outro leitor. Assim, o livro circulava no bairro, sem ser propriedade de ninguém.

Outras bandas que se organizavam no bairro tinham uma pegada mais *pop*, como a Alegoria da Caverna, que ganhou um festival realizado na Regional III. O Vitoriano era o compositor e retratava o bairro em suas canções. Inclusive, um dos primeiros sucessos da banda foi a música “Campus do Pici-Unifor”. Da mesma forma, o Odilon, também morador local, tinha projetos com as bandas Diamante Cor de Rosa e GsTrudes.

No outro lado do bairro, na casa do Gianni Zion, reunia-se a turma do *reggae*. No início dos anos 1990, foi criada a banda Rebel Lion, e seus integrantes eram na maioria da Parquelândia e da Bela Vista. O Uttama, vocalista, era da Bela Vista. Mas a Adjara, que fazia os *backing vocals*, o Bobby, cantor que morava na Frecheirinha, assim como o Jânio, primeiro baixista da banda, e o Marcos Pique, percussionista, eram todos da Parquelândia. Na casa do Gianni, além dos ensaios, gravavam fitas demos em equipamentos domésticos. A Adjara foi também cantora da banda de forró

Mastruz com Leite por muitos anos, assim como de grupos musicais com sonoridade mais ao estilo da MPB.

A Parquelândia é um “bairro geométrico”, mas tem suas capilaridades. Nas vilas, como a Vila dos Industriários, ou em travessas como a Uruoca e a Frecheirinha sempre havia um artista. Já os quintais eram os lugares mais íntimos, mas era onde a vida cultural do bairro era gestada, onde as bandas ensaiavam, os grupos se formavam, as festas aconteciam.

Nosso quintal também foi um ponto de encontro e aglutinação de artistas, músicos, poetas e *outsiders*. No fundo do quintal, havia um quartinho com varanda, que tinha sido quarto de estudos, sala de som, redação de fanzines, sede de grupo de ufologia, depois virou estúdio de ensaio e espaço cultural. No “Quartim”, com sua fachada de pinturas psicodélicas, sempre havia alguém ouvindo ou tocando música, trocando ideias ou tomando um vinho. Dali surgiram bandas, saraus, grupos de estudo, oficinas de artes, composições, vídeos, publicações, tudo que o encontro entre as pessoas propiciasse. E também festas antológicas, com apresentações de bandas e cantores do bairro. Certa vez, houve uma série de ensaios no Quartim com Luis Carlos Porto, da lendária banda O Peso, que planejava retomar a carreira, depois de anos com problemas psiquiátricos. Seus pais moravam ali perto e o produtor ia buscá-lo em casa com a garantia de voltar logo após o

ensaio. Ele ainda tomava medicação forte, falava pouco, mas quando começava o ensaio, parece que tudo fluía e ele ressurgia como o velho roqueiro. Na mesma época, o Trem do Futuro também ensaiou algumas vezes no Quartim e era interessante ver aquele encontro de gerações do rock cearense, tocando ali no meu quintal. Meu irmão, o Felipe Maia, foi baterista de várias bandas e, como tinha o espaço disponível, todos vinham ensaiar por lá. As “bandas da casa” foram a Antecúria, o Mofo, o Jovem Medroso de Seus Cavalos, os Fabulosos Mavericks. Até hoje, o Felipe é baterista profissional e mora em São Paulo, onde desenvolve, entre outros projetos, um trabalho autoral com a banda de rock Marrero.

Nos anos 1990, alguns bares se tornaram ponto de referência para músicos e para as turmas alternativas do bairro. Havia o clássico Besouro Verde, mas ficávamos na verdade no bar do seu Manoel, logo em frente, na mesma esquina. Tinha aquela arquitetura de calçada alta, propícia para visualizarmos o movimento frugal do bairro. Por ser todo pintado de azul, em contraposição ao concorrente, o chamávamos de “Calango Azul”. O bar do Nicodemos, em uma ruazinha pacata, quase esquina com a Jovita, também era reduto *underground*. Lembro das lâmpadas com bojo em forma de cérebro e, passando a sinuca, perto dos banheiros, havia uma pequena área descoberta, onde se podia fumar vendo a Lua. O Garça Torta, próximo da Floricultura,

tocava rock clássico e atraía toda a malucada do bairro. E também havia o Bar da dona Madalena, onde éramos recebidos por suas filhas, que gostavam de arte e boa música e por isso vários artistas marcavam ponto por lá.

No bairro, também havia lugares para se comprar LPs, que eram ponto de encontro pra quem gostava de música. O Menor tinha uma lojinha informal em sua garagem, onde vendia preciosidades do rock. Houve ainda uma loja de discos usados ao lado do Mercadinho Japonês. E na Jovita, havia a Filhos e Netos, que tinha discos bem interessantes em suas prateleiras.

Já em meados dos anos 2000, a cena era outra: enquanto a banda Cidadão da Mata ensaiava na casa do Oswaldo Zarcos, na casa do Rodrigo e da Samira se reunia a turma da Fulô da Aurora. Também músicos como o Saulo e o Leudo Jr. realizavam seus projetos individuais e coletivos. Nesse mesmo período, o músico Alan Mendonça criou o projeto Ceará Autoral Criativo, priorizando trabalhos autorais, e as reuniões eram realizadas em sua casa, na avenida Jovita Feitosa, todas as quartas pela manhã. Mais recentemente, o Coletivo Soul abriu sua sede na Jovita Feitosa, local onde se apresentam peças de teatro, shows e outras artes.

O bairro cresceu muito nos últimos anos e eu me mudei, perdendo de vista as novas gerações. Depois dos

grandes empreendimentos, como o North Shopping e a Casa do Engenho, o bairro se verticalizou muito. Hoje os prédios crescem tomando os horizontes e engolindo as vilas e casas clássicas do bairro. A casa onde morou o cantor Belchior, vizinha à nossa, foi recentemente derrubada. Até meu encontro com o Carlos Vazconcelos, quando me solicitou este depoimento, a casa estava de pé. O Carlos até fotografou a casa. Os velhos quintais são cada vez mais visados pela especulação imobiliária. Muitas casas antigas estão sendo destruídas e a arquitetura de outras vêm sendo descaracterizada. Na Jovita, belas casas com jardins bem cuidados viraram concessionárias de carros ou restaurantes. As velhas árvores da Bezerra tombam diante de modernizações na cidade. O que sobrarão do parque que foi a antiga Parquelândia?³²

32 Colaboraram com este depoimento: Eliane Maia, José Maia, Adriano Horácio, Anário Braga, Amaudson Ximenes, Gianni Zion, Paulo Leitão, Vinicius Alves, Rafael Amâncio e Felipe José. - Em memória de Heraldo, Adjara e Uttama.

Deu no jornal (O Povo)

1952 – 20 de outubro

Homenagem do povo de Fortaleza à memória do Dr. Amadeu Furtado

Realizou-se, na manhã de ontem, solenidade de inauguração de uma placa comemorativa de mudança de denominação do antigo Bairro Coqueirinho para Amadeu Furtado.

1958 – 26 de junho

Fortaleza ganha mais um bairro elegante

Parquelândia – Uma cidade nova nasce no Alagadiço.
Trabalho de urbanização do Dr. Lauro Andrade

Em poucos meses, no simpático Alagadiço, surgiu como que uma cidade nova. Descortina-se na paisagem, até bem pouco desconhecida, modernas e bonitas residências, criando uma perspectiva de uma autêntica “cidade nova” dentro de nossa metrópole: é a Parquelândia. E tem o destino, talvez, da Aldeota. Parquelândia tem tudo para ser, em breve, o mais procurado bairro para residências elegantes de Fortaleza.

1965 – 29 de abril

O desabamento da igreja foi causado pelas chuvas

Os padres redentoristas irlandeses, patrocinadores da Igreja da Parquelândia, que ruiu ontem de manhã, atribuíram o desabamento da obra às últimas chuvas caídas em Fortaleza, que possibilitaram a infiltração d'água no alicerce e nas paredes. Os prejuízos estão orçados em CR\$ 25 milhões.

Obs.: 14 operários estavam trabalhando e 5 deles, que passam bem na Assistência Municipal, foram atingidos pelo desabamento.

1968 – 29 de março

O jornalista e escritor Eduardo Campos, presidente da ACL, convidado pelo prefeito Walter Cavalcante, inaugurou ontem (29/3/68) o Grupo Escolar Mons. Linhares, no bairro da Parquelândia.

1969 – 16 de agosto

Anúncio

“Antes da lua, a Parquelândia.”

É evidente que a lua, como habitação, é projeto para o ano 2000. Logo trate de habitar (bem) na terra mesmo, na Parquelândia, ela é um bom lugar. Restam pouquíssimas casas.

1975 – 31 de maio

Um bairro “chic” e com vários problemas

A Parquelândia causa preocupações aos moradores, principalmente nessa quadra chuvosa, dada a não existência de galerias para águas fluviais, quase todas as artérias estão com águas acumuladas nas coxias.

A Parquelândia está localizada numa área muito baixa. Nas adjacências do colégio Júlia Jorge havia a lagoa João Maia, que foi aterrada.

Depois da Aldeota, 13 de Maio, a Parquelândia é o 3º bairro elegante de Fortaleza.

Falta de calçamento em muitas ruas da Parquelândia

Na Rua Pe. Guerra, bovinos encontram-se deitados e outros pastando. Trata-se de uma rua sem calçamento e com muito mato em redor.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. (NIREZ). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*: Roteiro para um turismo histórico e cultural. Fortaleza: UFC/Banco do Nordeste do Brasil, 2001.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

CARVALHO, Jáder de. *Sua majestade, o juiz*. 2. Ed. Fortaleza: Forgrel Editora, 2001.

GIRÃO, Blanchard. *Sessão das quatro*. Cenas e atores de um tempo mais feliz. Fortaleza: Editora ABC, 1960.

LOPES, Marciano. *Royal briar: a Fortaleza dos anos 40*. 2. Ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reforma urbana e controle social 1860-1930*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993.

SABATO, Ernesto. *A resistência*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Lídia Noêmia. *Brotinhos e seus problemas: juventude e gênero na imprensa fortalezense da década de 1950*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

Sites e blogs

<http://www.al.ce.gov.br/index.php/assembleia/expresidentes/32-expresidentes/144>

<http://www.fortaleza.ce.gov.br/regionais/regional-III>

<http://www.fortalezanobre.com.br/2013/04/parquelandia-antigo-coqueirinho.html>

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/economia/2012/02/25/noticiasjornaleconomia,2790361/julia-jorge-da-lugar-a-residencial.shtml>

<http://blogdomarcelogurgel.blogspot.com.br/2012/02/demolicao-do-colegio-julia-jorge.html>

<http://blog.opovo.com.br/blogdoeliomar/bloco-sobreviventes-julia-jorge-pisa-na-avenida-neste-sabado/>

<http://fortalezaantiga.blogspot.com.br/>

<http://www.bairroellery.com.br/modules/news/article.php?storyid=969>

<http://meubairroonline178.wordpress.com/category/bairros/parquelandia/>

<http://www.jornaldoparquearaxa.xpg.com.br/pagina05.html>

http://www.srede.com.br/associados_interna.php?id=6

<http://miguelarchanjodecarvalho.blogspot.com.br/2009/01/ainda-sobre-pedro-ferreira-de-assis.html>

http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Besouro_Verde

Este livro foi impresso em Fortaleza (CE), no outono de 2015.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/13,5.
O papel do miolo é pólen 90g/m², e o da capa é cartão supremo 250g/m².